

A woman with freckles is shown from the chest up, wearing a red, off-the-shoulder, ruffled dress. Her hands are clasped over her chest. The background is a light-colored wall with a subtle floral pattern.

# TESSA DARE

*Uma noite  
para se entregar*

*Série Spindle Cove - 1*

 GUTENBERG

~ Série Spindle Cove • Livro 1 ~

# TESSA DARE



*Uma noite para  
se entregar*

TRADUÇÃO: A. C. Reis

 GUTENBERG

Copyright © 2011 Eve Ortega  
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *A Night to Surrender*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER  
*Alessandra J. Gelman Ruiz*

REVISÃO  
*Monique D'Orazio*

EDITORA  
*Silvia Tocci Masini*

CAPA  
*Diogo Droschi*

ASSISTENTES EDITORIAIS  
*Carol Christo*  
*Felipe Castilho*

DIAGRAMAÇÃO  
*Christiane Morais*  
*Andresa Vidal Branco*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Dare, Tessa

Uma noite para se entregar / Tessa Dare ; tradução Antônio Vilela. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: *A Night to Surrender*

ISBN 978-85-8235-251-9

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título.

15-01300

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:  
1. Romances históricos : Literatura  
norte-americana 813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301  
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

Televidas: 0800 283 13 22

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar  
Funcionários . 30140-071  
Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3214 5700

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

## Capítulo Um

Sussex, Inglaterra  
Verão de 1813

Bram encarou um par de olhos escuros e arregalados. Olhos que refletiam uma surpreendente centelha de inteligência. Aquela poderia ser a fêmea rara com quem um homem conseguia argumentar.

“Agora, atenção”, disse ele. “Nós podemos fazer isto da forma mais fácil ou podemos dificultar tudo.”

Bufando suavemente, ela virou a cabeça. Era como se ele tivesse deixado de existir.

Bram apoiou seu peso na perna boa, sentindo o golpe em seu orgulho. Ele era um tenente-coronel do Exército Britânico e, com mais de um metro e oitenta de altura, diziam que compunha uma figura impressionante. Normalmente, bastava um olhar enviesado de sua parte, para suprimir qualquer tentativa de desobediência. Não estava acostumado a ser ignorado.

“Escute bem o que vou dizer.” Ele deu um puxão forte na orelha dela e engrossou a voz para que ficasse mais ameaçador. “Se sabe o que é melhor para você, vai fazer o que estou dizendo.”

Embora ela não pronunciasse nenhuma palavra, sua resposta era clara: *que tal você admirar meu grande traseiro lanoso?*

Maldita ovelha.

“Ah, o interior da Inglaterra. Tão encantador. Tão... perfumado.” Colin aproximou-se, despido de seu refinado casaco londrino, afundado até a cintura em um rio de lã. Enxugando com um lenço o

brilho da transpiração de sua têmpora, perguntou: “Imagino que isso signifique que não possamos simplesmente voltar?”.

À frente deles, um garoto que empurrava um carrinho derrubou sua carga, espalhando milho por toda a estrada. Era um almoço grátis em que todos os carneiros e ovelhas de Sussex estavam presentes. Um tropel imenso de ovelhas agitava-se e baliava ao redor do infeliz garoto, deliciando-se com os grãos derramados e obstruindo completamente o caminho das carroças de Bram.

“Será que conseguimos fazer os animais recuarem?”, perguntou Colin. “Talvez possamos dar a volta, encontrar outro caminho.”

Bram gesticulou, mostrando o cenário à volta deles.

“Não *existe* outro caminho.”

Estavam parados no meio da estradinha de terra que passava por um tipo de vale estreito e tortuoso. De um lado, elevava-se um barranco repleto de arbustos e, do outro, dezenas de metros de brejo separavam a estrada de imensas falésias. Abaixo delas – *bem* abaixo – estava o brilhante mar turquesa. Se o ar estivesse razoavelmente seco e claro, e se Bram apertasse os olhos na direção da fina linha azul no horizonte, poderia ver a costa norte da França.

Tão perto. Ele chegaria lá. Não naquele dia, mas em breve. Tinha uma tarefa a cumprir naquela região e, quanto antes a concluísse, tanto antes poderia voltar ao seu regimento. Nada poderia detê-lo.

A não ser ovelhas. Maldição. Parecia que as ovelhas eram capazes de detê-lo.

“Eu cuido delas”, disse uma voz grossa.

O cabo Thorne juntou-se a eles. Bram olhou para o lado e viu o gigantesco suboficial levantando o rifle.

“Não podemos simplesmente atirar nelas, Thorne.”

Obediente como sempre, Thorne baixou a arma.

“Eu tenho meu sabre. Afiei a lâmina ontem à noite.”

“Também não podemos fatiá-las.”

Thorne deu de ombros.

“Estou com fome.”

Sim, esse era Thorne: direto, prático e impiedoso.

“Estamos todos com fome.” O estômago de Bram roncou em apoio àquela declaração. “Mas abrir caminho é nosso objetivo no momento, e é mais difícil mover ovelhas mortas que vivas. Temos que empurrá-las para o lado.”

Thorne baixou o cão de seu rifle, desarmando-o, e então, com um movimento ágil, virou a arma e bateu a coronha contra um flanco lanoso.

“Mexa-se, ovelha maldita.”

O animal arrastou-se alguns passos barranco acima, empurrando seus companheiros na mesma direção. Mais atrás, os condutores das carroças fizeram seus animais avançarem e logo acionaram novamente os freios, para aproveitar aqueles poucos centímetros que haviam conquistado.

As duas carroças transportavam suprimentos para reequipar o regimento de Bram: mosquetes, balas, granadas, lã e branqueador para os uniformes. Ele não poupava despesas e *faria* com que subissem aquela colina. Mesmo que levasse o dia todo e que cada passo provocasse dores excruciantes da coxa à canela. Seus superiores achavam que ele não estava recuperado o bastante para reassumir o comando de campo. Bram provaria que estavam errados. Um passo de cada vez.

“Isto é absurdo”, resmungou Colin. “Neste ritmo vamos chegar na próxima terça-feira.”

“Pare de falar e comece a agir.” Bram empurrou uma ovelha com o pé, franzindo o rosto ao fazê-lo. Com a perna já acabando com ele, a última coisa de que necessitava era um incômodo, mas era exatamente isso que havia herdado, junto com as contas e posses de seu pai: a responsabilidade pelo primo vagabundo, Colin Sandhurst, Lorde Payne.

Bateu no flanco de outra ovelha, o que lhe valeu um balido indignado e mais alguns centímetros.

“Tive uma ideia”, disse Colin.

Bram grunhiu; aquilo não era uma surpresa. Adultos, ele e Colin eram pouco mais que estranhos; mas, durante os poucos anos em que conviveram em Eton, seu primo mais novo sempre estava cheio de ideias. Ideias que o deixaram afundado até as canelas em excremento. Literalmente, em pelo menos uma ocasião.

Colin olhou de Bram para Thorne e de novo para o primo, com os olhos aguçados.

“Eu lhes pergunto, cavalheiros, nós temos ou não uma grande quantidade de pólvora preta?”



“Tranquilidade é a alma da nossa comunidade.”

A menos de quinhentos metros de distância, Susanna Finch estava sentada na sala decorada com cortinas de renda da Queen’s Ruby, uma pensão para moças de fino trato. Com ela, conversavam as possíveis novas moradoras do local, a Sra. Highwood e suas três filhas solteiras.

“Aqui em Spindle Cove as moças desfrutam de uma atmosfera salutar, de aperfeiçoamento.” Susanna apontou para um grupo de jovens que, reunidas junto à lareira, bordavam empenhadas. “Está vendo? O retrato da boa saúde e do refinamento.”

Em sincronia, as moças ergueram os olhos do trabalho e sorriram contida e placidamente.

*Excelente.* Ela fez um meneio aprovando com a cabeça.

Normalmente, as moças de Spindle Cove nunca desperdiçariam uma tarde tão linda bordando dentro de casa. Estariam passeando pelo campo, tomando banho de mar na enseada ou escalando as falésias. Mas em dias como aquele, quando novas visitantes chegavam à vila, todas compreendiam que certo nível de decoro era necessário. Susanna se permitia uma mentirinha inocente quando se tratava de salvar a vida de uma jovem.

“A senhora aceita mais chá?”, perguntou ela, ao receber um bule cheio da Sra. Nichols, a idosa proprietária da pensão. Se a Sra. Highwood observasse as moças atentamente, talvez reparasse nas moderadas obscenidades gaélicas que Kate Taylor bordava ou que na agulha de Violet Winterbottom nem mesmo tinha linha.

A Sra. Highwood fungou. Embora o dia estivesse agradável, ela se abanava com vigor.

“Bem, Srta. Finch, talvez este lugar possa fazer bem à minha Diana.” Ela olhou para a filha mais velha. “Já consultei os melhores

médicos, tentei muitos tratamentos. Até a levei para Bath, em busca de cura.”

Susanna aquiesceu, compreensiva. Pelo que havia entendido, Diana Highwood sofria de ataques de asma desde pequena. Com cabelo louro e um sorriso que formava uma linha rosada, a mais velha das irmãs era belíssima. Sua saúde frágil havia atrasado o que teria sido um debute deslumbrante. Contudo, Susanna suspeitava fortemente de que eram todos aqueles médicos e tratamentos que mantinham a jovem doente.

Ela abriu um sorriso acolhedor para Diana.

“Estou certa de que uma temporada em Spindle Cove será muito benéfica para a saúde da Srta. Highwood. Aliás, muito benéfica para todas vocês.”

Nos últimos anos, Spindle Cove tonou-se o destino preferido de certo tipo de moça bem-nascida: o tipo com que ninguém sabia como lidar, que incluía as doentes, as escandalosas e as terrivelmente tímidas; esposas jovens desencantadas com o matrimônio e garotas encantadas *demais* pelo homem errado... Todas elas eram levadas até ali por seus guardiães, para quem representavam um problema, na esperança de que o ar marítimo pudesse curá-las de suas aflições.

Única filha do único cavalheiro do local, Susanna era, por definição, a anfitriã da vila. Susanna sabia o que fazer com aquelas jovens inconvenientes com quem ninguém sabia como lidar. Ou melhor, sabia o que *não* fazer. Nenhuma “cura” era necessária. Não precisavam de médicos enfiando agulhas em suas veias, nem de professoras velhas criticando sua dicção. Precisavam apenas de um lugar para si mesmas.

Spindle Cove era esse lugar.

A Sra. Highwood agitou seu leque.

“Sou uma viúva sem filhos homens, Srta. Finch. Uma das minhas filhas precisa de um bom casamento, e logo. Eu tinha muita esperança na Diana, linda como ela é, mas se não ficar mais forte até a próxima temporada...” Ela acenou desdenhosamente na direção de sua filha do meio, um contraste moreno, de óculos, em meio às irmãs louras. “Não vou ter escolha senão tentar com a Minerva.”

“Mas Minerva não liga para os homens”, disse a jovem Charlotte. “Ela prefere terra e rochas.”

“Isso é chamado de Geologia”, disse Minerva. “É uma ciência.”

“E a garantia de ficar solteirona, isso sim! Garota anormal. Sente-se ereta na cadeira, ao menos.” A Sra. Highwood suspirou e se abanou com mais força. Olhou para Susanna, e disse: “Não tenho esperança nela, na verdade. É por isso que Diana precisa ficar boa, a senhorita compreende. Consegue imaginar Minerva na sociedade?”

Susanna apertou o lábio para segurar o riso ao imaginar, com facilidade, a cena. Provavelmente seria semelhante ao seu próprio debute. Assim como Minerva, ela esteve absorvida em atividades não adequadas a uma dama, e naquilo que dizia respeito ao universo feminino ela era um desastre. Nos bailes, era ela a amazona sardenta no canto, que ficaria satisfeita em permanecer invisível, caso a cor de seu cabelo permitisse.

Quanto aos cavalheiros que tinha conhecido... nenhum deles conseguiu arrebatá-la. Para dizer a verdade, nenhum deles havia se esforçado muito para tanto.

Ela afastou do pensamento aquelas lembranças incômodas. Aquela época havia ficado para trás.

O olhar da Sra. Highwood recaiu sobre um livro no canto da mesa.

“Fico satisfeita por perceber que a senhorita mantém o livro da Sra. Worthington à mão.”

“Ah, sim”, respondeu Susanna, alcançando o volume azul encadernado em couro. “A senhora vai encontrar cópias de *A Sabedoria da Sra. Worthington* espalhadas por toda a vila. Nós o consideramos um livro muito útil.”

“Ouviu isso, Minerva? Seria muito bom que você o decorasse.” Quando Minerva revirou os olhos, a Sra. Highwood disse: “Charlotte, abra-o agora. Leia o início do Capítulo Doze”.

Charlotte pegou o livro e o abriu, então limpou a garganta e leu em voz alta e dramática:

“Capítulo Doze. Os perigos do excesso de estudo. O intelecto de uma moça deve ser, em todos os aspectos, igual a sua roupa de baixo: atual, imaculada e imperceptível para o observador.”

A Sra. Highwood pigarreou.

“Sim. Isso mesmo. Ouça e acredite, Minerva. Ouça e acredite em cada palavra. Como a Srta. Finch disse, você vai ver que esse livro é muito útil.”

Susanna bebericou seu chá, engolindo um bolo amargo de indignação. Ela não era uma pessoa colérica ou ressentida normalmente, mas quando provocada, suas paixões exigiam um esforço admirável para serem contidas.

Aquele livro a provocava enormemente.

*A Sabedoria da Sra. Worthington para Moças* era a perdição das garotas sensatas em todo o mundo, abarrotado de conselhos insípidos e danosos em todas as páginas. Susanna se deliciaria em esmagar suas folhas com almofariz e pilão, e colocar o pó resultante em um frasco com rótulo de caveira, que guardaria na prateleira mais alta de seu armário de ervas, ao lado de folhas secas venenosas e tóxicas.

Em vez disso, assumiu a missão de retirar de circulação o maior número possível de cópias. Um tipo de quarentena. Antigas residentes da Queen’s Ruby enviavam exemplares daquela obra a partir de todos os cantos da Inglaterra. Não se podia entrar em um aposento de Spindle Cove sem encontrar uma cópia, ou três, de *A Sabedoria da Sra. Worthington*. E exatamente como Susanna disse à Sra. Highwood, elas achavam mesmo o livro muito útil. Seu tamanho era perfeito para manter uma janela aberta. Também era um excelente peso de porta ou de papel. Susanna usava as cópias que tinha para amassar ervas ou, às vezes, para tiro ao alvo.

Ela esticou o braço para Charlotte.

“Posso?”, pegando o livro da mão da garota, ela o ergueu bem alto. Então, com um movimento rápido, usou-o para esmagar um mosquito incômodo. Com um sorriso calmo, colocou o livro sobre a mesa de canto. “Realmente, é muito útil.”



“Elas não vão saber o que as acertou.” Com o salto da bota, Colin apertou um torrão sobre a primeira carga de pólvora.

“Nada irá atingi-las”, disse Bram. “Não estamos usando projéteis.”

A última coisa de que precisavam eram estilhaços voando por todos os lados. As cargas preparadas eram inofensivas; pólvora preta embrulhada em papel, para fazer um pouco de barulho e uma pitada de terra.

“Tem certeza de que os cavalos não irão disparar?”, perguntou Colin, enquanto desenrolava um pedaço de pavio de queima lenta.

“Estes animais são de cavalaria. Insensíveis a explosões. As ovelhas, por outro lado...”

“irão se espalhar como moscas.” Colin soltou um sorriso despreocupado.

“Imagino que sim.”

Bram sabia que bombardear as ovelhas era imprudente, impulsivo e completamente estúpido, assim como todas as ideias de infância do seu primo. Claro que deviam existir soluções melhores e mais eficientes, que não envolviam pólvora preta, para uma barricada de ovelhas.

Mas o tempo passava, e Bram estava impaciente, por vários motivos, para retomar a viagem. Havia oito meses, uma bala de chumbo atravessou seu joelho direito, despedaçando sua vida. Ele passou meses em uma cama de hospital, depois várias semanas rangendo e gemendo pelos corredores como um fantasma que arrastava correntes. Certos dias, durante sua convalescência, Bram tinha certeza de que *e/e* iria explodir.

E agora ele estava muito perto – pouco menos de dois quilômetros – de Summerfield e de Sir Lewis Finch. Menos de dois quilômetros de reconquistar seu comando. Ele se recusava a ser impedido por um rebanho de ovelhas comilonas, cujas barrigas provavelmente explodiriam, se não fossem espantadas para longe daquele milho.

Uma explosão bela era tudo que precisavam naquele momento.

“Assim está bom”, anunciou Thorne, ao inserir a última carga no topo da colina. Conforme voltava abrindo caminho em meio às ovelhas, acrescentou: “Está tudo liberado mais adiante. Pude ver à distância”.

“Existe uma vila aqui perto, não é?”, perguntou Colin. “Deus, diga-me que existe uma vila.”

“Sim, existe”, respondeu Bram, guardando a pólvora não usada. “Eu vi no mapa. Spin-qualquer-coisa Bay, ou Sei-lá Harbor... Não lembro bem.”

“Pouco me importa o nome”, disse Colin. “Desde que tenha uma taverna e um pouco de civilização. Deus, eu odeio o campo!”

“Deu pra ver a vila”, disse Thorne. “Logo depois da colina.”

“Não é encantadora, é?” Colin ergueu a sobancelha enquanto pegava o isqueiro. “Eu odiaria se fosse encantadora. Prefiro uma vila sombria, duvidosa, cheia de maus costumes. Vida saudável me causa arrepios.”

O cabo olhou, imperturbável, para ele.

“Não sei dizer se é encantadora, milorde.”

“Certo. Dá para perceber”, murmurou Colin, que em seguida triscou o fogo e acendeu um pavio. “Tudo pronto!”



“Srta. Finch, que vila encantadora.” Diana Highwood juntou as mãos.

“É o que achamos.” Sorrindo com modéstia, Susanna conduziu as visitantes até a praça da vila. “Aqui nós temos a igreja de Santa Úrsula, um valioso exemplo de arquitetura medieval. É claro que a praça em si é linda.” Ela evitou mostrar o campo gramado que usavam para jogar críquete e boliche de grama, e rapidamente afastou a Sra. Highwood, para que ela não visse o par de pernas com meias pendurado em uma das árvores. “Veja aquilo.” Ela apontou um amontoado de torres e arcos de pedra sobre a falésia rochosa. “São as ruínas do Castelo Rycliff. É uma paisagem excelente para desenhar e pintar.”

“Oh, como é romântico”, suspirou Charlotte.

“Parece decadente”, disse a Sra. Highwood.

“Mas não é. Dentro de um mês, o castelo abrigará nosso Festival de Verão. Famílias de dez paróquias virão, algumas muito distantes, como Eastbourne. Nós, mulheres, vestimos roupas medievais, e

meu pai fará uma exibição para as crianças da região. Ele coleciona armaduras antigas, sabe. Entre outras coisas.”

“Que ideia maravilhosa”, disse Diana.

“É o ponto alto do nosso verão.”

Minerva olhava fixamente para as falésias.

“Qual a composição dessas rochas, arenito ou calcário?”

“Hum... arenito, eu acho.” Susanna desviou a atenção delas para uma fachada com venezianas vermelhas do outro lado da rua. Floreiras de janela transbordavam flores, enquanto um cartaz com letras douradas balançava silenciosamente ao vento. “E essa é a Casa de Chá. O Sr. Fosbury, o proprietário, faz bolos e doces que fariam bonito em qualquer doceria de Londres.”

“Bolos?” A Sra. Highwood apertou a boca de modo desagradável. “Espero que vocês não se permitam um excesso de doces.”

“Oh, não”, mentiu Susanna. “Raramente.”

“Diana foi rigorosamente proibida de cometer exageros. E receio que aquela ali tenha propensão à compulsão”, e apontou para Minerva.

Com a afronta da mãe, Minerva baixou os olhos, como se estivesse estudando atentamente as pedras debaixo de seus pés. Ou como se implorasse ao chão que a engolissem por inteiro.

“*Minerva!*”, ralhou a mãe. “Postura!”

Susanna passou o braço pela cintura da moça, mostrando seu apoio.

“Nós temos o clima mais ensolarado de toda a Inglaterra, será que eu mencionei isso? O correio passa por aqui duas vezes por semana. Vocês estariam interessadas em conhecer as lojas?”

“Lojas? Só vejo uma.”

“Bem, é verdade. Só temos uma, mas ela é o suficiente, como a senhora verá. A loja *Tem de Tudo* da Sra. Bright realmente tem tudo que uma jovem pode querer comprar.”

A Sra. Highwood passou os olhos pela rua.

“Onde fica o médico? Diana precisa de um médico por perto o tempo todo, para fazer sangria quando ela tem seus ataques.”

Susanna franziu o rosto. Não era de admirar que Diana nunca conseguisse recuperar integralmente sua saúde. Que prática inútil,

horrível, a sangria. Um “tratamento” com maior possibilidade de tirar a vida do que preservá-la. Tratamento que a própria Susanna mal sobreviveu. Por força de hábito, ela passou as mãos por suas luvas compridas, que iam até os cotovelos. As costuras irritavam as feridas cicatrizadas que as luvas escondiam.

“Temos um cirurgião na cidade ao lado”, disse ela. Um cirurgião que ela não deixaria se aproximar do gado, muito menos de uma moça. “E, em nossa vila, temos uma farmacêutica muito competente.” Desejou que a mulher não fizesse perguntas muito detalhadas a respeito.

“E quanto aos homens?”, perguntou a Sra. Highwood.

“Homens?”, ecoou Susanna. “O que há com eles?”

“Com tantas jovens de berço e solteiras residindo aqui, vocês não são atacadas por caçadores de fortuna? Eles eram numerosos em Bath, todos atrás do dote da minha Diana. Como se ela fosse se casar com algum terceiro filho de fala melosa.”

“Definitivamente não, Sra. Highwood.” Desta vez, Susanna não precisava inventar. “Não existem devassos endividados nem oficiais ambiciosos por aqui. De fato, há poucos homens em Spindle Cove. Além do meu pai, apenas comerciantes e criados.”

“Eu não sei...”, suspirou a Sra. Highwood, ao observar a vila mais uma vez. “É tudo tão comum... não é mesmo? Minha prima, Lady Agatha, falou-me de um novo balneário em Kent. Banhos minerais, tratamentos purgativos. Ela acredita muito na cura pelo mercúrio.”

Susanna sentiu o estômago apertar. Se Diana Highwood fosse para um lugar como aquele, poderia ser realmente seu fim.

“Por favor, Sra. Highwood. Não podemos subestimar os benefícios para a saúde do ar marítimo e do sol.”

Charlotte desviou seu olhar do castelo em ruínas rapidamente e pediu:

“Vamos ficar, mamãe. Eu quero participar do Festival de Verão.”

“Eu acredito que já estou me sentindo melhor”, disse Diana, inspirando profundamente.

Susanna saiu de perto de Minerva e se aproximou da matriarca ansiosa. A Sra. Highwood podia ser aquele tipo de mãe

desorientada, exagerada, mas obviamente amava suas filhas e queria, de coração, fazer o que fosse melhor para elas.

Bem, Susanna poderia confortá-la com sinceridade. As três irmãs Highwood precisavam daquele lugar. Diana necessitava de uma folga dos tratamentos de médicos charlatões, Minerva precisava de uma chance de ir atrás de seus interesses sem ser repreendida, e a jovem Charlotte precisava, apenas, de um lugar para ser uma garota, para esticar suas pernas e soltar sua imaginação.

E Susanna precisava das Highwood, por razões que não conseguia explicar. Ela não tinha como voltar no tempo e desfazer as desgraças de sua própria juventude, mas podia ajudar a poupar outras jovens do mesmo tormento, e isso era o melhor a fazer por si mesma.

“Confie em mim, Sra. Highwood”, disse ela, pegando a mão da mulher. “Spindle Cove é o lugar perfeito para as férias de verão das suas filhas. Prometo-lhe que aqui elas ficarão saudáveis, felizes e perfeitamente seguras.”

*Bum!!!* Uma explosão distante trovejou no ar. As costelas de Susanna tremeram com a força do baque.

A Sra. Highwood segurou o chapéu com a mão enluvada.

“Minha nossa. Isso foi uma explosão?”

Raios, raios, raios! Tudo estava indo tão bem.

“Srta. Finch, a senhorita acabou de dizer que este lugar é seguro.”

“Ah, mas é...” Susanna exibiu-lhes seu sorriso mais reconfortante. “É sim. Sem dúvida trata-se apenas de um navio no Canal, soando seu canhão sinalizador.”

Ela sabia muito bem que não havia nenhum navio. Aquela explosão só podia ser coisa do seu pai. Quando jovem, Sir Lewis Finch havia sido um celebrado inventor de armas de fogo e artilharia. Suas contribuições ao exército britânico conquistaram-lhe admiração, influência e uma fortuna considerável. Mas após os incidentes com o canhão experimental, ele havia prometido a Susanna que desistiria de conduzir testes de campo.

*Ele prometeu!*

Conforme elas avançavam pela rua, um estrondo baixo, sinistro, enchia o ar.

“O que é esse barulho?”, perguntou Diana.

Susanna fingiu inocência.

“Que barulho?”

“Esse barulho”, disse a Sra. Highwood.

O estrondo ganhava força a cada segundo. As pedras do pavimento vibravam sob suas sandálias de salto. A Sra. Highwood fechou os olhos com força e soltou um gemido lamurioso.

“Ah, esse barulho”, disse Susanna despreocupadamente, conduzindo as Highwood pela rua. Se conseguisse levá-las para dentro de casa... “Esse barulho não é nada com que devamos nos preocupar. Ouvimos isso por aqui o tempo todo. Acasos do clima.”

“Isso não pode ser um trovão”, disse Minerva.

“Não. Não, não se trata de trovão. É um... fenômeno atmosférico causado por rajadas intermitentes de...”

“Ovelhas!”, exclamou Charlotte, apontando para o outro lado da rua.

Um rebanho de animais lanosos enlouquecidos irrompia pelo antigo arco de pedra e entrava na vila, afunilando-se pela rua estreita e aproximando-se delas.

“Ah, sim”, murmurou Susanna. “Precisamente isso. Rajadas intermitentes de ovelhas.”

Ela fez suas hóspedes atravessarem a rua e todas se abrigaram no pórtico da loja *Tem de Tudo*, enquanto as ovelhas em pânico passavam. O coro de balidos agitados castigava seus tímpanos.

Caso seu pai tivesse só se machucado, ela iria matá-lo.

“Não há motivo para alarme”, disse Susanna por cima do barulho. “A vida no campo tem seus encantos peculiares. Srta. Highwood, sua respiração está bem?”

“Estou ótima, obrigada”, respondeu Diana.

Sem esperar por uma resposta, Susanna ergueu a barra da saia e atravessou intrepidamente a rua, ziguezagueando em meio às últimas ovelhas, enquanto saía da vila. Não demorou mais do que alguns segundos. Afinal, aquela era uma vila muito pequena.

Em vez de pegar a estradinha mais longa, que rodeava a colina, ela a escalou. Ao se aproximar do topo, a brisa lhe trouxe nuvens de

fumaça e tufos de lã. Apesar dos sinais ameaçadores, ela encontrou no alto da colina uma cena que não lembrava um dos testes de artilharia do pai. Lá embaixo, na outra ponta da rua, duas carroças estavam paradas. Quando aguçou o olhar, conseguiu distinguir pessoas em volta dos transportes parados. Figuras masculinas altas, mas nenhum cavalheiro corpulento e careca entre eles.

Nenhum deles podia ser seu pai.

Aliviada, ela inspirou profundamente o ar acre, impregnado de pólvora. Com o fardo do receio removido, sua curiosidade veio à tona. Intrigada, ela desceu o barranco florido até chegar ao caminho estreito e esburacado. À distância, os homens pararam de se mover. Eles a haviam notado.

Protegendo os olhos com a mão, ela olhou fixamente para os homens, tentando identificá-los. Um deles vestia um casaco de oficial, outro não usava casaco algum. Quando ela se aproximou, o homem sem casaco começou a acenar com vigor. Gritos foram conduzidos pela brisa até ela. Franzindo o cenho, Susanna se aproximou, na esperança de ouvir melhor as palavras.

“Espere! Senhorita, não...!”

*Blam!*

Uma força invisível arrancou-a do chão e a jogou de lado, arremessando-a completamente para fora da estrada. Ela enfiou o ombro na grama alta, derrubada por algum tipo de animal descontrolado.

Um animal vestindo casaco vermelho.

Juntos, eles rolaram para longe da estrada, joelhos e cotovelos absorvendo os golpes. Os dentes de Susanna rangeram em seu crânio, e ela mordeu a língua com força. A saia rasgou e ar frio subiu mais alto por sua coxa do que uma brisa bem-comportada se atreveria.

Quando pararam de rolar, ela se viu imobilizada por um peso tremendo, que arfava. E um penetrante olhar verde a fitava.

“O que...?” Ela não teve fôlego para terminar a pergunta.

*Bum,* respondeu o mundo.

Susanna baixou a cabeça, abrigando-a sob a proteção do que ela reconheceu ser um casaco de oficial. Um botão de metal apertou sua face. A figura do homem formava um escudo protetor, enquanto

uma chuva de torrões caía sobre os dois. Ele cheirava a uísque e pólvora.

Depois que a poeira baixou, ela afastou o cabelo da testa dele, buscando em seu olhar sinais de desorientação ou dor. Contudo, seus olhos estavam alertas e vivos, mas aquele assustador tom de verde... forte e ricamente matizado como jade.

“Você está bem?”, perguntou ela.

“Estou.” A voz dele era rouca e grave. “E você?”

Ela concordou, esperando que ele a liberasse após sua confirmação. Quando ele não mostrou intenção de se mover, ela ficou intrigada. Ou ele estava gravemente ferido, ou era muito impertinente.

“Senhor, ahn, o senhor é muito pesado.” Com certeza ele entenderia *aquela* sugestão.

“Você é macia”, respondeu ele.

Bom Deus. Quem era aquele homem? De onde vinha? E por que continuava *em cima* dela?

“Você está com um pequeno ferimento.” Com dedos trêmulos, ela tocou um ponto vermelho na têmpora dele, perto do cabelo. “Aqui.” Apertou a mão contra a garganta dele, para sentir seu pulso. Ela logo o encontrou, batendo forte e regularmente contra as pontas enlavadadas de seus dedos.

“Ah... Isso é gostoso.”

O rosto dela ficou quente.

“Você está com visão dupla?”

“Talvez... Vejo dois lábios, dois olhos, duas bochechas coradas... milhares de sardas.”

Ela o encarou.

“Não se preocupe, senhorita. Não é nada.” O olhar dele ficou sombrio devido a alguma intenção misteriosa. “Nada que um beijinho não cure.”

E antes mesmo que ela pudesse recuperar o fôlego, ele pressionou seus lábios contra os dela.

Um beijo. Sua boca tocando a dela... Era quente e firme, e então... acabou.

Seu primeiro beijo de verdade em todos os seus 25 anos, e terminou num piscar de olhos. Apenas uma lembrança, agora, a não

ser pela leve sugestão de uísque em seus lábios. E pelo calor. Ela ainda sentia o calor dele, masculino e intenso. Atrasada, ela fechou os olhos.

“Agora sim”, murmurou ele. “Estou melhor.”

Melhor? Pior? A escuridão por trás de suas pálpebras não tinha respostas, então ela as abriu novamente.

*Diferente.* Aquele homem forte e estranho, a tinha em seu abraço protetor, e ela se perdia em seu intrigante olhar verde, e seu beijo reverberava nos ossos dela com mais força do que uma explosão de pólvora. E agora ela se sentia diferente...

O calor e o peso dele... eram como uma resposta. A resposta a uma pergunta que Susanna nem mesmo percebeu que seu corpo vinha fazendo. Então era assim, ficar deitada debaixo de um homem. Sentir-se moldada por ele, sua carne cedendo em alguns lugares e resistindo em outros. O calor crescendo entre dois corpos; batidas de coração duelando dos dois lados do mesmo tambor.

Talvez... apenas talvez... aquilo fosse o que ela estava esperando sentir por toda sua vida. Não erguida do chão, mas jogada do outro lado da estrada, rolando de cabeça para baixo, enquanto o mundo explodia a sua volta.

Ele rolou para o lado, dando-lhe espaço para respirar.

“De onde você surgiu?”

“Acho que eu é que deveria lhe perguntar isso.” Ela se ergueu com o cotovelo. “Quem é você? O que está fazendo aqui?”

“Isso não é óbvio?” O tom dele era grave. “Estamos bombardeando as ovelhas.”

“Ah. Ah, Deus. É claro que sim.” Dentro dela, a compaixão se misturou ao desespero. Claro que ele não batia bem da cabeça. Um daqueles pobres soldados arruinados pela guerra. Ela deveria ter adivinhado. Nenhum homem são jamais havia olhado para ela daquela forma.

Susanna pôs de lado a decepção. Pelo menos ele tinha vindo ao lugar certo. E pousado sobre a mulher certa. Susanna tinha muito mais experiência em tratar ferimentos na cabeça do que investidas de cavalheiros. O segredo estava em parar de pensar nele como um homem grande e viril, e simplesmente encará-lo como uma pessoa

que precisava de sua ajuda. Uma espécie de eunuco pouco atraente e enfermo.

Esticando o braço em sua direção, ela passou um dedo por sua sobrancelha.

“Não fique assustado”, disse ela, em tom calmo e equilibrado. “Está tudo bem. Você vai ficar ótimo.” Ela pôs a mão no rosto dele e o encarou diretamente nos olhos. “As ovelhas não podem fazer mal a você aqui.”

## Capítulo Dois

“Você vai ficar bem”, repetiu Susanna.

Bram acreditou nela. Com todo o coração. De fato, naquele momento ele se sentia muito bem. A estrada estava livre das ovelhas, sua perna funcionava, e uma jovem atraente tocava sua sobrançelha. Do que ele podia reclamar?

Claro que aquela jovem atraente pensava que ele fosse um idiota boca-mole. Mas aquilo era o de menos. Falando a verdade, ele *ainda* estava se recompondo.

Nos momentos que se seguiram à explosão, sua primeira, e reconhecidamente egoísta, preocupação foi o joelho. Ele estava quase certo de que havia rompido novamente a articulação, com aquela desajeitada tentativa de salvar a jovem. Antes de ser ferido na guerra, ele teria conseguido tirar a garota da estrada mais graciosamente. Ela teve sorte por ele estar perto dela, e não mais adiante, junto dos outros, porque do contrário, não teria conseguido alcançá-la a tempo.

Depois que uma breve avaliação e algumas flexões de pernas mostraram-lhe que o joelho permanecia intacto, seus pensamentos voltaram-se para a jovem. As íris dos olhos dela eram azuis como... bem, íris. Ela era perfumada como um jardim... um jardim inteiro. Não apenas a flores e ervas, mas ao sumo das folhas e à essência rica e fértil da terra. Ela era o lugar perfeito para ele aterrissar, quente e macia. E fazia um tempo absurdamente longo desde a última vez em que ele tivera uma mulher debaixo de si, e Bram não conseguia lembrar de uma que o tivesse acariciado tão docemente como aquela.

Deus, ele a havia mesmo beijado?

Sim. E ela tinha sorte por ele não ter feito mais. Por um instante, ele se sentiu verdadeiramente atordoado. Bram acreditava que era culpa da explosão, ou talvez a culpa fosse dela.

Ela se ergueu um pouco mais. Mechas soltas de cabelo caíam por seu rosto. Seu cabelo era um tom admirável de dourado com toques de vermelho. Bram pensou em bronze derretido.

“Você sabe que dia é hoje?”, perguntou, olhando para ele.

“Você não sabe?”, respondeu ele.

“Aqui em Spindle Cove nós, mulheres, temos uma programação. Às segundas-feiras passeamos no campo. Às terças, banho de mar. Às quartas você irá nos encontrar no jardim.” Ela encostou as costas de sua mão na testa dele. “O que fazemos às segundas-feiras?”

“Nós não chegamos às quintas-feiras.”

“As quintas são irrelevantes. Estou testando sua habilidade de reter informação. Você lembra das segundas?”

Ele abafou uma risada. Deus, como o toque dela era gostoso. Se ela continuasse a tocá-lo e acariciá-lo daquela forma, ele acabaria enlouquecendo.

“Diga-me seu nome, então”, disse ele. “Prometo que me lembrarei.” Um pouco ousado, talvez, mas qualquer chance de apresentação formal tinha sido derrubada pela carga de pólvora.

Falando da carga de pólvora, lá vinha a mente brilhante por trás do ataque às ovelhas. Maldito seja.

“A senhorita está bem?”, perguntou Colin.

“Estou bem”, respondeu ela. “Receio não poder dizer o mesmo de seu amigo.”

“Bram?” Colin o cutucou com a bota. “Você parece estar inteiro.”

*Não graças a você.*

“Ele está completamente arruinado, pobrezinho.” A garota tocou sua bochecha. “Foi a guerra? Há quanto tempo ele está assim?”

“Assim?” Colin sorriu com ironia para Bram. “Ah, a vida toda.”

“Toda a vida?”

“Ele é meu primo. Eu sei bem como ele é.”

Um rubor subiu às faces de Susanna, cobrindo suas sardas.

“Se ele é seu primo, você deveria cuidar melhor dele. O que você estava pensando, ao deixá-lo vagar pelo campo, travando

guerra contra rebanhos de ovelhas?”

Ah, aquilo era encantador. A garota se importava com ele. Ela gostaria de vê-lo acomodado em um asilo bem confortável. Talvez quinta-feira fosse o dia em que ela o visitaria para colocar compressas frias em sua testa.

“Eu sei, eu sei”, respondeu Colin, com seriedade. “Ele é um bobo de verdade. Completamente instável. Às vezes esse pobre vagabundo chega a babar. Mas o diabo é que ele controla meu dinheiro. Até o último centavo. Não posso lhe dizer o que fazer.”

“Agora chega”, disse Bram. Era hora de acabar com aquela bobagem. Uma coisa era desfrutar de um momento de descanso e do toque de uma mulher, e outra era deixar que lhe tirassem a dignidade.

Ele se pôs em pé sem muita dificuldade e também ajudou Susanna a se levantar. Fez uma pequena reverência.

“Tenente-coronel Victor Bramwell. Garanto-lhe que possuo saúde perfeita, mente sã e um primo que não vale nada.”

“Eu não compreendo”, disse ela. “Aquelas explosões...”

“Apenas cargas de pólvora. Nós as enterramos na estrada para afugentar as ovelhas.”

“Você preparou cargas de pólvora para afugentar um rebanho de ovelhas...” Soltando-se dele, ela estudou as crateras na estrada. “Senhor, continuo não convencida quanto à sua sanidade. Mas não há dúvida de que seja homem.”

Ele ergueu uma sobrancelha.

“Isso nunca foi dúvida.”

A única resposta dela foi um rubor ainda maior.

“Garanto-lhe que toda loucura é do meu primo. Lorde Payne estava apenas me provocando, divertindo-se às minhas custas.”

“Entendo. E você estava se divertindo às minhas custas, fingindo que estava machucado.”

“Ora, vamos lá.” Ele se inclinou na direção dela e murmurou: “Você vai fingir que não estava gostando?”

Susanna ergueu as duas sobrancelhas, e continuou erguendo, até que formassem um arco perfeito, pronto para disparar flechas envenenadas.

“Vou fingir que não ouvi isso.”

Ela ajeitou a luva, e ele engoliu em seco. Alguns momentos antes, ela havia pressionado aquela mão contra a garganta daquele homem, que havia beijado os lábios dela. Fingimentos à parte, eles dividiram um momento de atração. Sensual. Poderoso. Real... Talvez ela preferisse negá-lo, mas não conseguiria apagar a lembrança que ele tinha de sua boca doce e exuberante.

E ela não podia esconder aquele cabelo. Deus, aquele cabelo! Agora que estava em pé, envolta pela luz do dia, ela resplandecia de beleza. Chamas vermelhas e raios solares dourados competiam para ver o que brilhava mais.

“Você não chegou a me dizer seu nome”, disse ele. “Senhorita...?”

Antes que ela pudesse responder, uma carruagem fechada precipitou-se colina abaixo, na direção deles. O condutor não se preocupou em diminuir a velocidade, ao contrário, chicoteou os animais para que se apressassem, e a carruagem investiu contra eles. Todos tiveram que pular para o lado, para que não fossem esmagados pelas rodas.

Em um gesto protetor, Bram se colocou entre a moça e a estrada. Conforme a carruagem se afastava, ele notou um brasão pintado em sua lateral.

“Ah, não”, murmurou Susanna. “Não as Highwood.” Ela gritou para a carruagem, que sacudia à distância: “Sra. Highwood, espere! Volte. Eu posso explicar tudo. Não vá embora!”

“Parece que elas já foram.”

Ela se voltou para Bram, fuzilando-o com o brilho azul de seus olhos. E forçou as mãos contra seu peito. Não foi suficiente para movê-lo, mas foi o bastante para causar uma impressão.

“Espero que esteja feliz. Se atormentar ovelhas e abrir buracos na nossa estrada não foi estrago suficiente por hoje para você, saiba que arruinou o futuro de uma moça.”

“Arruinei?” Bram não tinha o hábito de arruinar moças. Essa era a especialidade de seu primo. Mas se um dia ele resolvesse adotar a prática, empregaria uma técnica diferente. Ele se aproximou, baixando a voz. “Sério, foi apenas um beijo. Ou está falando da sua roupa?”

Ele baixou o olhar. A roupa dela havia levado a pior no incidente. Grama e terra acumulavam-se na musselina rosa. Um babado rasgado esparramava-se pelo chão, inerte como um lenço esquecido. Seu decote também havia sofrido. Ele imaginou se a jovem sabia que seu seio esquerdo estava a uma exclamação de escapar completamente do corpete. Bram também imaginou se devia parar de encarar o seio.

Não, ele decidiu. Ele faria um favor a ela encarando-o, chamando sua atenção para algo que precisava ser consertado. Na verdade, olhar fixamente para aquele seio meio exposto, corado de emoção, era seu dever solene para com ela, e Bram nunca foi de fugir às suas responsabilidades.

Ela pigarreou e cruzou os braços sobre o peito, interrompendo abruptamente a missão de Bram.

“Não se trata de mim”, disse ela, “nem do meu vestido. A moça naquela carruagem está vulnerável e precisava de ajuda, e...” Ela perdeu o fôlego e tirou mechas de cabelo do rosto. “E agora ela se foi. Todas se foram.” Susanna mediu-o de alto a baixo. “Então, de que você precisa? Um carpinteiro para lhe fazer rodas novas? Suprimentos? Orientações para chegar à estrada principal? Diga-me o que precisa para ir embora, que eu irei lhe fornecer alegremente.”

“Não queremos lhe dar nenhum trabalho. Desde que esta seja a estrada para Summerfield, nós iremos...”

“Summerfield? Você não falou Summerfield.”

Vagamente, ele compreendeu que ela estava aborrecida com ele, o que provavelmente havia feito por merecer, mas ela não conseguiria fazer com que Bram se sentisse arrependido. A agitação dela era agressivamente atraente. A forma como suas sardas se juntavam quando ela franzia o rosto. O alongamento de seu pescoço, pálido e esguio, enquanto ela se empertigava para enfrentá-lo.

Ela era alta para uma mulher e ele gostava de mulheres altas.

“Eu realmente disse Summerfield”, respondeu Bram. “É a residência de Sir Lewis Finch, não é?”

Susanna franziu a testa.

“Que assunto o senhor tem com Sir Lewis Finch?”

“Assunto de homem, querida. Os detalhes não lhe dizem respeito.”

“Summerfield é minha casa”, disse ela. “E Sir Lewis Finch é meu pai. Então, tenente-coronel Victor Bramwell”, ela disparou cada palavra como um tiro, “o senhor me diz respeito!”



“Victor Bramwell. É *mesmo* você.”

Sir Lewis Finch levantou de sua escrivaninha e atravessou o escritório com passos ansiosos. Quando Bram quis fazer uma reverência, o veterano o impediu com um gesto. Então ele pegou a mão de Bram entre as suas e a sacudiu calorosamente.

“Com os diabos, é bom ver você. Na última vez que nos encontramos você era um jovem capitão, saído havia pouco de Cambridge.”

“Faz bastante tempo, não é?”

“Fiquei triste quando soube do falecimento de seu pai.”

“Obrigado.” Bram pigarreou, sem jeito. “Eu também.”

Bram examinou o grisalho excêntrico em busca de sinais de desagrado. Sir Lewis Finch não era apenas um inventor brilhante, mas também havia se tornado conselheiro real. Diziam que o Príncipe Regente sempre escutava quando Sir Lewis falava. Uma palavra daquele homem poderia colocar Bram de volta em seu regimento já na semana seguinte.

E como era idiota, Bram anunciou sua chegada à vila derrubando a filha daquele homem na estrada, rasgando seu vestido e a beijando sem permissão. No que concernia a uma campanha estratégica, aquela não seria digna de medalha. Felizmente, Sir Lewis parecia não ter notado o estado esfarrapado de sua filha quando chegaram. Mas Bram precisava terminar aquela conversa antes que a Srta. Finch voltasse e tivesse a oportunidade de relatar o ocorrido.

Ele não podia ser responsabilizado por não estabelecer a relação entre os dois. A não ser pelos olhos azuis que os dois tinham, ela não poderia ser mais diferente do pai. A Srta. Finch era esguia e notavelmente alta. Em contraposição, Sir Lewis era baixo e

possuía um ventre protuberante. Os poucos fios de cabelo grisalho remanescentes não seriam suficientes para escovar a dragona de Bram.

“Sente-se”, convidou Sir Lewis.

Bram tentou não demonstrar demais seu alívio, ao se sentar na surrada cadeira de couro. Quando Sir Lewis lhe entregou o copo, Bram racionou o uísque em goles pequenos e controlados.

Enquanto bebia, Bram estudava o ambiente. A biblioteca era diferente de qualquer biblioteca particular vista por ele. Naturalmente, havia uma escrivaninha. Algumas cadeiras. Livros, claro. Paredes cheias deles, que preenchiam prateleiras de mogno do chão ao teto. As prateleiras em si eram separadas por colunas de argamassa com desenhos egípcios. Algumas lembravam talos de papiros, outras estavam esculpidas na forma de faraós e rainhas. E de um lado da sala, ocupando a maior parte do espaço vazio, jazia um enorme caixão de pedra sólida, de cor creme. Sua superfície estava inscrita, por dentro e por fora, com fileiras e mais fileiras de símbolos minúsculos.

“Isso é mármore?”, perguntou ele.

“Alabastro. É um sarcófago, da tumba do rei...” Sir Lewis coçou a cabeça. “Esqueci o nome agora. Tenho anotado em algum lugar.”

“E as inscrições?”

“Do lado de fora, feitiços. Dentro são orientações para chegar ao mundo inferior.” O idoso arqueou as sobrancelhas. “Você pode se deitar aí dentro, se quiser. Faz bem para a coluna.”

“Não, obrigado.” Bram estremeceu.

Sir Lewis bateu as palmas.

“Bem, imagino que você não trouxe duas carroças por oito estradas só para discutir antiguidades enquanto bebemos um bom uísque.”

“O senhor sabe que não. Conversa fiada nunca é meu propósito. Mas obrigado pelo uísque.”

“E espero que possa jantar conosco mais tarde. Susanna já deve ter informado à cozinheira.”

*Susanna...* Então o nome dela é Susanna.

O nome lhe pareceu adequado. Simples, bonito.

*Susanna... Susanna Finch.*

Parecia o refrão de uma música. Uma música alegre, que não saía da cabeça. O tipo de harmonia que persistia, cavava uma trincheira na cabeça da pessoa e continuava tocando ali alegremente, durante horas, dias... mesmo que essa pessoa preferisse se livrar dela. Mesmo que essa pessoa preferisse cortar o dedão do próprio pé só para desviar sua atenção para outra coisa, *qualquer coisa*.

*Susanna... Susanna Finch. Bela Susanna com cabelo de bronze.*

Ele voltou sua atenção para a janela, que dava para um jardim imaculadamente bem cuidado. Cada erva ou arbusto que ele via, associava a outro elemento do perfume intrigante, jardineiro, de Susanna. Ele viu alfazema, sálvia, jacinto, rosa... uma dúzia de outras plantas cujo nome ele não sabia. Mas através da janela aberta, a brisa carregava o aroma delas até ele. E erguia seu cabelo com dedos delicados, assim como ela havia feito.

Ele sacudiu o corpo. Ela era filha de Sir Lewis. Bram não podia pensar nela daquela forma. Ou de nenhuma forma.

“Então”, disse ele, dirigindo-se a Sir Lewis, “o senhor recebeu minha carta?”

Sir Lewis sentou do outro lado da escrivaninha.

“Recebi.”

“Então sabe por que estou aqui.”

“Você quer seu comando de volta.”

Bram assentiu.

“E já que estou aqui, gostaria de saber se o senhor está interessado em um aprendiz. Meu primo tem aptidão para a destruição, e não muito mais do que isso.”

“Você está se referindo a Payne?”

“Estou.”

“Bom Deus. Quer que eu pegue um *visconde* como aprendiz?”

Sir Lewis riu dentro de seu copo.

“Ele pode ser um visconde, mas pelos próximos meses continuará sendo minha responsabilidade. A menos que alguém lhe dê uma ocupação em que ele possa ser útil, Colin Payne terá acabado com nós dois até o fim do ano.”

“Por que você não lhe dá uma ocupação em que ele possa ser útil?”

“Eu não vou estar aqui”, disse Bram, inclinando-se para frente e olhando Sir Lewis diretamente nos olhos. “Vou?”

Sir Lewis tirou os óculos e os colocou de lado, massageando as têmporas com o polegar e o indicador. Bram não estava gostando daquilo. Massagem de têmpora não era sinal de que a decisão seria a seu favor.

“Escute, Bramwell...”

“Bram.”

“Bram, eu admirava muito seu pai.”

“Assim como eu. E toda a nação.” O pai de Bram havia se destacado na Índia, alcançando a patente de general e conquistando muitas honrarias e medalhas. “Meu pai admirava o senhor e seu trabalho.”

“Eu sei, eu sei”, disse Sir Lewis. “E fiquei muito triste, de verdade, quando recebi a notícia da morte dele. Mas nossa amizade é exatamente o motivo de eu não poder ajudá-lo. Não da forma como está me pedindo.”

Bram sentiu a barriga endurecer.

“O que o senhor quer dizer?”

O idoso passou a mão pelos fios remanescentes de cabelo grisalho.

“Bram, você foi atingido no joelho.”

“Isso já faz meses.”

“E você sabe muito bem que um ferimento dessa natureza pode demorar um ano ou mais para sarar. Se é que irá sarar completamente.” Sir Lewis balançou a cabeça. “Eu não posso, em sã consciência, recomendar você para um comando de campo. Você é um oficial de infantaria. Como pretende liderar a pé um batalhão de soldados, quando mal pode caminhar?”

A pergunta o atingiu como um soco no estômago.

“Eu posso caminhar.”

“Não tenho dúvida de que possa atravessar esta sala. Talvez possa ir até o fim do pasto e voltar, mas você conseguiria cobrir quinze, dezoito, vinte quilômetros em ritmo puxado, dia após dia?”

“Sim!”, disse com firmeza. “Eu posso marchar. Eu posso cavalgar. Eu posso liderar meus homens.”

“Sinto muito, Bram. Se eu o enviasse de volta à frente da batalha, nessas condições, estaria assinando sua sentença de morte, e talvez de quem estiver sob seu comando. Seu pai era um amigo bom demais para isso. Simplesmente não posso.”

As palmas de Bram ficaram úmidas. A ruína estava próxima.

“Então o que devo fazer?”

“Aposente-se. Vá para casa.”

“Não tenho uma casa.” Dinheiro não era problema, claro, mas seu pai era um segundo filho. Bram não havia herdado nenhuma propriedade e nunca teve tempo para comprar uma para si.

“Então compre uma casa. Encontre uma garota bonita para casar. Estabeleça-se e constitua família.”

Bram sacudiu a cabeça. Sugestões impossíveis, todas elas. Ele não renunciaria ao seu posto aos 29 anos, enquanto a Inglaterra continuava em guerra. E com certeza não se casaria. Como seu próprio pai, ele pretendia servir até que arrancassem a pistola de suas mãos frias e sem vida. E embora fosse permitido às mulheres de oficiais que os acompanhassem, Bram acreditava firmemente que o lugar de mulheres bem criadas não era em campanha. Sua própria mãe era prova disso. Ela havia sucumbido aos acontecimentos sangrentos na Índia, pouco tempo antes do jovem Bram ser enviado para uma escola na Inglaterra.

Ele se sentou na ponta da cadeira.

“Sir Lewis, o senhor não entende. Meus dentes nasceram mastigando biscoito de ração. Eu aprendi a marchar antes de falar. Não sou homem para me estabelecer. Enquanto a Inglaterra continuar em guerra, não posso e não irei renunciar ao meu posto. É mais do que meu dever, senhor. É minha vida. Eu...” Ele balançou a cabeça. “Não sei fazer mais nada.”

“Se você não quer se aposentar, há outras formas de ajudar no esforço de guerra.”

“Com os demônios, já passei por tudo isso com meus superiores. Não vou aceitar uma suposta promoção que signifique ficar carimbando papéis no Ministério da Guerra.” Ele fez um gesto na direção do sarcófago de alabastro. “É melhor me enfiar nesse caixão e lacrar a tampa. Sou um soldado, não um burocrata.”

Os olhos azuis de Sir Lewis suavizaram-se.

“Você é um homem, Victor. Você é humano.”

“Sou o filho do meu pai”, respondeu ele, batendo na escrivaninha com o punho. “O senhor não pode me pôr para baixo.”

Ele estava indo longe demais, mas que se danassem os limites. Sir Lewis Finch era a única e última opção de Bram. O velho não podia simplesmente recusar.

Sir Lewis ficou olhando para as mãos entrelaçadas durante um longo e tenso momento. Então, com calma inabalável, recolocou os óculos.

“Não tenho nenhuma intenção de pô-lo para baixo. Muito ao contrário.”

“O que o senhor quer dizer?” Bram ficou desconfiado.

“Eu quero dizer exatamente o que disse. Eu fiz o oposto de rebaixá-lo.” Ele levou a mão a uma pilha de papéis. “Bramwell, prepare-se para ser promovido.”

## Capítulo Três

*Susanna, controle-se.*

Após pedir licença para arrumar apressadamente o cabelo desgrenhado e trocar seu vestido rasgado e sujo por um limpo de musselina azul com luvas combinando – e durante o processo falando mais bruscamente com Gertrude do que a pobre empregada merecia –, ela se juntou aos acompanhantes do tenente-coronel Bramwell no Salão Vermelho.

Ao entrar, deu uma rápida olhada no espelho do hall. Sua aparência estava refeita, dentro do possível. Sua postura, por outro lado, permanecia estilhaçada em mil pedaços cortantes, todos arranhando e queimando dentro dela. Alguns atingiam seu amor-próprio, outros reviravam o conhecido poço de medo que sempre era agitado quando seu pai e pólvora preta se misturavam. O restante fazia com que ela formigasse toda de constrangimento. A sensação não era agradável.

E tudo aquilo era culpa *dele*. Aquele bombardeador de ovelhas animaisco, provocador, bem-apegoado. Quem era aquele homem e o que queria com seu pai? Ela esperava que fosse apenas uma visita social, embora tivesse de admitir que Bramwell não parecia ser o tipo de homem que fazia visitas sociais.

A empregada trouxe a bandeja e Susanna a orientou a colocá-la em uma mesa de jacarandá com pernas esculpidas no formato de peixes dourados com longos bigodes.

“Chá, cavalheiros?”, perguntou ela, esticando as luvas ao pegar a chaleira. Servir chá era exatamente o que Susanna precisava naquele momento. Que força civilizatória tinha o chá... Ela pegaria

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Spindle Cove 1 - Uma noite para se ent..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).